

Compreender o einai e o dokeîn einai a partir da semântica estruturante do poieîn, no Sofista de Platão (234A-240C).

ANTÓNIO DE CASTRO CAEIRO, Universidade Nova de Lisboa

O Estrangeiro, no *Sofista* de Platão, procura identificar o horizonte em que um sofista se move:— o da produção da aparência. O projecto existencial do sofista é o de ganhar um controlo absoluto sobre as técnicas que intervêm nesse mesmo horizonte. O Sofista é quem tem o poder de: “*fazer que parece estar a dizer a verdade (poieîn alethê dokeîn légesthai, 234c6)*”. A capacidade de acção sobre o *dokeîn* é infinita e desdobra-se por várias perícias (*téchnai*) que se estendem a todos os domínios do ser. Tais “perícias” contaminam a verdade do que existe na realidade com a imperceptível aparência de realidade do não ser. A *eidolopoiikê*, perícia produtora de *eidola*, e a *eikasía*, perícia produtora de *eikones*, assentam ambas na possibilidade de o humano acreditar em (e fazer aparecer) *phantasmata*. Encontramo-nos, assim, num horizonte geral de produção de *tà phainóména*.

Num primeiro momento, parece que os *produtos* dessas perícias são realidades autónomas e claramente identificáveis como *ficções* ou *aparições* inscritas num horizonte que vai para além do da realidade. Assim, os *eidola*, os *eikones*, os *phantasmata*, os *phainóména* seriam produções irreais de um horizonte de sentido diferente do horizonte em que desde sempre nos encontramos com *tà onta*. Ou seja, *tà phainóména* e *tà onta* estão em horizontes com contornos bem definidos, o da ficção e o da realidade, mesmo que um possa ser intrusivo relativamente ao outro.

Num segundo momento, procura-se isolar e identificar o horizonte de produção das coisas que são, *tà ónta*. Isto é, a pergunta pelo *einai* é idêntica à pergunta pelo *dokeîn*. Há uma correlação entre *einai* e *tà onta* paralela à correlação entre *dokeîn* e *phainóména* (sc. *eidola*, *eikones*, *phantasmata*). Todos os seres têm um mesmo sentido de estruturação, resultam de um *poieîn*. *Dokeîn* e *einai* são pensados como formas de *poieîn*. Não há, assim, nenhuma *metábasis eis allo génos*. O horizonte originário em que se pensa *ser* e *parecer* é, assim, o de uma *poiêsis*: um *eis ousían ageîn*: trazer à presença. *Fazer* o que de cada vez é feito é, assim, fazer acontecer o que de cada vez acontece, um levar à presença (*agôn*) do que é de cada vez trazido à presença, feito acontecer. *Ser* é este contínuo levar do que é levado (*tò agómenon*):— da ausência para a presença e da presença para a ausência (cf. *Sophistes*, 219b4-6).

Tal como o *dokeîn* faz ser o que não é, o *einai* faz ser, estruturando maciçamente tudo no seu todo, a partir da irrealidade efectiva da passagem do não ser (ausência) para o ser (presença). O ser é pensado como a *poiesis* que altera radicalmente o que não é no que é, a cada instante no mundo, trazendo, levando, o não para o sim, o que não existe para o que existe, o que não é para o que é, num raio de acção e num agenciamento totais.